

Memórias digitais em busca da eternidade e o papel do profissional de informação em tempos de geração *touchscreen*

Eliana Almeida de Souza Rezende¹

Resumo

De novo a questão das obsolescências e permanências. A crescente demanda por informação e acesso tem imposto alguns limites e soluções precisam ser buscadas. Como não perder tudo o que se produz? Como e onde armazenar? Para que e para quem? Com quais finalidades? E com quais custos? Qual o perfil do profissional capaz de desempenhar tais tarefas? São muitas as perguntas! As instituições precisam se dar conta de que *necessitam* de uma política de preservação digital tanto quanto de ferramentas para produção e uso de informação no agora. Não terá valido de nada tudo o que uma organização, pessoa, instituição ou sociedade criou se não for capaz de preservar isso para o futuro.

Palavras-Chave: Leitores. Sociedade digital. Profissional de informação. Tecnologias digitais. Preservação digital.

Abstract

Once again the obsolescence and permanence question. The growing demands for information and access have imposed some limits and solutions need to be sought. How not to lose everything that is produced? How and where to save it? For what and for whom? For what purposes? And at what costs? Which the profile of the professional able of performing such tasks? So many questions! Institutions need to realize that they **NEED** digital preservation policies, as well as tools for production and use of such information. It will be of no use if everything that an organization, a person, institution or society has created won't be able to preserve it for the future.

Keywords: Readers. Digital Society. Information Professional. Digital Technologies. Digital Preservation.

1 Memórias digitais em busca da eternidade e o papel do profissional de informação em tempos de geração *touchscreen*

¹ PhD em História Social – linha de pesquisa Cultura e cidades (Unicamp, 2009); doutorado em História Social – linha de pesquisa Cultura e cidades (Unicamp, 2002); mestrado em História Social – linha de pesquisa Cultura e cidades (PUC-SP, 1997); especialista em Preservação e Conservação de Coleções de Fotografia (Lisboa, Portugal, 1998); proprietária e diretora executiva da ER Consultoria – Gestão de Informação e Memória Institucional – Portal: <http://eliana-rezende.com.br/> - E-mail: eli_rezende@yahoo.com.br

De novo a questão das obsolescências e permanências.

A crescente demanda por informação e acesso tem imposto alguns limites e soluções precisam ser buscadas.

São muitas as perguntas!

Este artigo², em verdade, está mais próximo de ser um ensaio, cujo objetivo é apresentar as questões com que os profissionais de informação se deparam cotidianamente no trato com documentos em diversos suportes. É também uma tentativa de diálogo com profissionais de diferentes áreas e de discussão sobre a forma como a sociedade digital vem se relacionando com a produção documental.

Como não perder tudo o que se produz? Como e onde armazenar? Para que e para quem? Com quais finalidades? E com quais custos? Qual o perfil do profissional capaz de desempenhar tais tarefas?

Além desses, é possível destacar dois outros pontos muito importantes: a busca pelo direito de acesso e segurança à informação e o exercício de transparência e cidadania em suas múltiplas esferas. Acrescentaria ainda outros dois elementos: o financeiro, relativo à destinação de recursos e, por que não, a preservação de documentos para o futuro.

Um dos principais obstáculos que temos é a garantia de acesso a documentos através do tempo. Enquanto para a História pode-se considerar como um longo período algo próximo da eternidade, para a tecnologia, por exemplo, um período entre 3 e 5 anos pode representar um grande lapso temporal. A conta não fecha!

Somos a geração que mais produz informações em toda a história da humanidade, mas também a que mais as deixa escapar, haja vista a quantidade de *links* e arquivos digitais que se perdem todos os dias.

Já nos meados da década de 1990, quando a produção que conhecemos hoje apenas gatinhava, a preocupação com tais registros já se esboçava de forma veemente em vários segmentos. Cito, nesta oportunidade, as considerações de Paul Conway:

[...] Antropólogos e historiadores sabem que os impulsos de registrar e de guardar fazem parte da natureza humana. A verdade está incrustada em

² Este artigo é resultante de palestra realizada no evento *2º Seminário de Tecnologia e Cultura: Humanidades Digitais e Competências em Informação*, promovido pela Fundação Casa de Rui Barbosa em 23 e 24 de novembro de 2017. A conferência foi intitulada “Memórias Digitais em busca de eternidade e o papel dos profissionais de informação em tempos de geração *touchscreen*” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Ke3RQQPVUQ> – a partir 2:30:43. Acesso em: 9 abr. 2019).

Eliana Almeida de Souza Rezende

símbolos e artefatos que criamos e depois guardamos por opção ou incidentalmente. À medida que nos aproximamos do final do século XX, encontramos-nos, a nós mesmos, confrontando o mesmo dilema enfrentado por Howard Carson, o escavador amador de Macaulay: um grande vazão de conhecimento preenchido pelo mito e pela especulação. A informação na forma digital – a evidência do mundo em que vivemos – é mais frágil que os fragmentos de papiros encontrados nas tumbas dos Faraós [...] (CONWAY, 2001, p. 11).

O temor explicitado por Paul Conway só se intensificou nos últimos anos.

Como profissionais de informação, convivemos diariamente com perdas irreversíveis, o que ocorre com suportes tanto físicos quanto digitais. A situação é tão grave que coloca em nosso horizonte vácuos de documentos, impossíveis de ser recuperados pelas sociedades futuras. Afinal,

[...] Artífices que tecem intrincados caminhos deixados por fontes prováveis e improváveis, os historiadores transformam-se em porta-vozes de um tempo, de uma trajetória feita por questões e investigações. Conexões são feitas e refeitas, caminhos investigativos desbravados à luz de diferentes métodos e matrizes teóricas. Em muitos casos, o caminho é árduo e construído a partir de hiatos, de não ditos, de silêncios e omissões. Urde-se a construção de uma trama que circunda um objeto fazendo disso a História, nem certa nem errada, apenas por um ângulo ou prisma diverso [...] (REZENDE, 2014, p. 02).

Se esta urdidura não possuir matéria-prima, simplesmente não se fará.

Um exemplo interessante do fato citado acima é o caso do *Livro do Apocalipse*, de William, o Conquistador, escrito em couro no ano de 1086. Sobreviveu por 900 anos, chegando até nós. Por outro lado, uma versão digitalizada da obra, gravada em 1986, não pode mais ser lida em 2006, apenas 20 anos depois³.

Os problemas se multiplicam quando pensamos na quantidade imensa de bibliotecas digitais que são formadas e que poderão facilmente estar perdidas para sempre⁴.

Em relação a portais institucionais, *sites* e *blogs*, temos sérios problemas. Uma massa imensa do que produzimos nasce, vive e se desenvolve em meios digitais, é editado, alterado e recortado nesses meios. Posso assegurar que ninguém se preocupa com suas versões anteriores.

Mas onde estão mesmo essas versões?

³ Maiores informações em: <https://ceticismo.net/2009/07/01/pedra-de-roseta-digital-vai-guardar-dados-por-1000-anos/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁴ Sugiro a leitura do artigo de Edna Lúcia Silva e Miriam Vieira Cunha, “A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas” (Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017).

Quem era essa instituição em sua primeira versão de portal ou *site*?

Ninguém sabe ou saberá...

É difícil compreender por que ninguém se preocupa com as inúmeras páginas de conteúdo que desaparecem quase na mesma velocidade em que são produzidas. Até 2020, segundo expectativas, teremos produzidos 44 zetabytes de informações. Para se ter uma ideia, 1 zetabyte equivale a 2 milhões de anos de música⁵!

A despreocupação pode abranger conversas em redes e imagens... muitas imagens. Ninguém registra essas correspondências ordinárias e nem seu movimentado alfabeto de construção. Séculos adiante não teremos como saber sobre os registros coloquiais que nossa geração produziu. O léxico e as formas de expressão estarão para sempre perdidos. Provavelmente ainda teremos os hieróglifos egípcios e as tábuas de argila mesopotâmicas e nada sobre nossa comunicação rápida digital produzida nos primeiros anos do século XXI. Isso para não falar nos suportes digitais, onde esse léxico é construído e veiculado: muitas gerações de celulares, *softwares* e parafernália digitais.

A sensação é a de que inventamos a internet para sermos apagados por ela! Não deixaremos sequer rastros.

O descarte imediato de tudo leva-nos para um não lugar. Um espaço virtual, sem forma e vazio.

Não daremos aos nossos descendentes a possibilidade de conhecer nossos pensamentos por registros cotidianos, que antes eram tão bem feitos por diários, cartas e outros tipos de registros.

A melhor foto de todas dura apenas até o tempo do próximo registro, e mesmo nossos textos e até pesquisas são sempre uma última versão: limpa e asséptica, que não deixa rastros dos caminhos da construção de nosso pensamento.

Há ainda os textos e hipertextos, numa leitura que há muito deixou de ser linear. Perderemos conteúdos e as leituras *hiperlinkadas* que cada texto e leitor produziu. Afinal, ninguém lê de forma igual um mesmo texto, já que o mergulho em *links* e *hyperlinks* depende de cada leitor e de sua navegação pessoal. Conteúdo, forma e apreensão do que é lido variam de leitor para leitor e de seus interesses.

⁵ Para entender como são feitas essas medidas e como elas são quantificadas, acesse: https://olhardigital.com.br/video/kilobytes_megabytes_gigabytes_terabytes_e_agora_os_zettabytes/20620. Acesso em: 20 nov. 2017.

Enfim, nosso presente é editado e recortado com desprezo incondicional por sua gênese.

 Estamos arriscados a ser
a sociedade mais bem informada
que morreu de ignorância.
Ruben Blades

O mesmo ocorre com muitos manuscritos ficcionais e várias obras literárias. O tempo dos manuscritos editados à mão pelo artista não existe mais e, assim, muito do processo criativo se perde. As versões editadas e limpas chegam sempre às editoras sem o rastro dos caminhos de uma escrita. Essa ausência inviabilizaria, por exemplo, publicações como uma recente edição de manuscritos de Mário de Andrade⁶. Suas anotações ao lado de seus rascunhos dão a dimensão de como seu pensamento e obra foram sendo moldados até chegarem à versão final – uma riqueza documental propiciada por originais, cartas e rascunhos, tão belamente trabalhados pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP).

A situação é tão inquietante que, no Reino Unido, pesquisadores estão solicitando aos escritores que entreguem seus computadores antigos para a British Library em vez de os jogarem fora. Utilizando-se de programas de investigação forense e perícia, tais pesquisadores reconstituem, por meio de metadados, os caminhos criativos de grandes autores.

Essa tarefa me parece inviável, já que seria uma forma de arqueologia digital, envolvendo computador, *software* e *hardware*, cuja manutenção ao longo do tempo não me parece razoável e nem possível.

O mesmo vale para importantes pesquisas científicas publicadas. Temos sempre um artigo limpo e revisado, e nunca os caminhos rascunhados, desenhados, arquitetados e editados, percorridos.

Sorte teremos se daqui a 100 anos o artigo final estiver preservado e seu link puder ser encontrado e lido!

O valor desses manuscritos é fácil de ser mensurado quando pensamos em personalidades como Isaac Newton⁷, Albert Einstein⁸ e Leonardo Da Vinci⁹. O que seria de

⁶ O acervo completo e suas coleções estão disponíveis em: <http://www.ieb.usp.br/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁷ O acervo está disponível em: <http://cudl.lib.cam.ac.uk/collections/newton/1>. Acesso em: 20 nov. 2017.

nós se tivéssemos apenas a última versão de seus trabalhos, sem saber sobre suas indecisões e os caminhos por onde andaram seus pensamentos e invenções? É a esse trajeto que me refiro quando falo em processo criativo deletado dia a dia.

Um exemplo bem acabado do que cito é o fato de cientistas italianos terem conseguido, cinco séculos após a morte de Leonardo Da Vinci, interpretar seu projeto para um carro, recriando-o a partir de suas anotações. A invenção é considerada um precursor do automóvel moderno¹⁰.

Diante de todo o exposto, as instituições precisam se dar conta de que *necessitam* de uma política de preservação digital tanto quanto de ferramentas para produção e uso de informação no agora. Não terá valido de nada tudo o que uma organização, pessoa, instituição ou sociedade criou se não for capaz de preservar isso para o futuro.

Duas coisas são fundamentais: reconhecer que temos problemas proporcionais ao volume de produção massiva de informação; mas, apesar disso, não precisamos abrir mão de tudo e entrar num desânimo pessimista.

Políticas sérias de preservação digital, com um olhar que vá bem além do horizonte imediato, podem minimizar problemas. É um caminho que requer planejamento e investimento em recursos (tempo, dinheiro e pessoal).

Possível e viável, desde que planejado e desejado.

De outro lado, cabe aos profissionais de informação preparar-se, afinal, eles atuarão numa sociedade que tem hoje uma configuração completamente diferente da de antes de toda essa explosão informacional e tecnológica. Hoje temos um mundo feito de estímulos, desterritorializado e fracionado em ações e reações. Os deslocamentos cada vez mais significam trafegar por redes, espaços e tempos muito mais do que com os corpos, que, presos em meios de transporte, estão sempre mais aprisionados do que as mentes, as retinas, a audição.

Com isso, temos em formação uma geração que, pela primeira vez, consegue ter cindidos corpo e mente. As relações desterritorializam-se, e tempo e espaço ganham outra dimensão: *glocalizam-se!* (Isso mesmo, *glocalizam-se*, neologismo para designar local e global ao mesmo tempo, de modo que território físico não significa absolutamente nada). Ante

⁸ O acervo está disponível em: <http://www.alberteinstein.info/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁹ O acervo está disponível em: <http://leonardo.bne.es/index.html>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹⁰ Para conhecer o veículo e assistir a vídeo que demonstra seu funcionamento, acessar o link: <https://www.youtube.com/watch?v=a2qeZrejZp0>. Acesso em: 10 abr. 2019.

a avalanche de conteúdos, informações e estímulos, encontramos cada vez mais pessoas que vivem o que está se convencionando chamar de “Idade Mídia”. Relações e vidas constituem-se de formas entrecortadas, cifradas e dispersas, tecidas pela imediaticidade, por estímulos que vêm de todos os lados e que são de complicada assimilação e análise.

O mundo *glocalizado*, a partir de suas redes sociais, aproximou pessoas antes separadas por um oceano e criou, entre quatro paredes, fissuras maiores que as das Ilhas Marianas – uma frase que já está virando clichê.

É comum, em salas de um mesmo ambiente doméstico, cada um estar conectado ao mundo sem saber o que se passa na mente de quem se senta ao lado.

As sociabilidades ganham, com isso, uma nova forma de entender realidade, até então tradicionalmente concebida como territorialidade, ligada essencialmente ao espaço geográfico, local, material, à presença e à convivência. Surge agora o conceito de telerrealidade, segundo o qual a realidade pode ser experimentada de outro ponto de vista de espaço e tempo. As redes e seus meios de comunicação colocam a possibilidade de tele(vivências), desmaterialização, globalidade, distância. Tudo em tempo real. Existir ganha um novo sentido.

Segundo Rubim (2000):

[...] A singularidade dessa nova circunstância societária vai incidir nas cruciais questões da realidade e da existência. Essa dupla composição “fragmenta” a realidade contemporânea em uma realidade contígua, (con)vivida no entorno por cada indivíduo, em uma realidade remota, porque não inscrita no mapa de proximidades, agora tele(vivida) planetariamente e em tempo real como tele realidade [...].

[...] O caráter composto da realidade na contemporaneidade possui outra significativa consequência: ele impõe o descolamento entre existência e o existir publicamente. Hoje, a mera existência física já não assegura um existir social, expediente automático em uma sociabilidade de tipo comunitário, na qual a existência física e pública praticamente coincidem, pois a contiguidade do território, a exigência da presença e as dimensões possíveis do mundo garantem o compartilhamento, o movimento de tornar comum coisas e pessoas, enfim, a publicação. Nesta circunstância societária existir fisicamente significa, sem mais, ter existência pública. [...] (RUBIM, 2000).

Essa cisão entre real e virtual, público e digital, talvez seja o maior de nossos desafios. As existências se multifacetam, ao mesmo tempo em que cindem corpos, almas, sociabilidades, pessoas...

Nem bom nem mau em si, apenas uma nova forma de relação com tempo, espaço e estímulos.

De tantos fragmentos e estilhaços movidos em alta velocidade e em substituição constante é que nossos adultos do futuro serão formados. Em vários casos, estar profundamente absorto e comprometido com algo passa a ser um desafio. Em verdade, o que temos são verdadeiros caleidoscópios de relações efêmeras.

Do lado dos profissionais de informação, mais especificamente os bibliotecários, é preciso compreender que nossa sociedade não concebe a presença de um intermediador para seus acessos. Trata-se de um momento de desintermediação, em que o usuário tem toda a liberdade de enveredar para onde quer que seja em suas buscas, pois está acostumado até mesmo à forma de ler um texto e de acessar os *links* a partir dos caminhos que faz. O leitor contemporâneo há muito deixou de ler linearmente, e isso faz com que cada leitura seja única e nunca a imaginada por seu autor. Se isso ocorre com um mero texto, calcule a situação para pesquisas inteiras!

Os profissionais de Informação precisam ver-se como *agentes desintermediadores*, pontes de acesso para trilhas e caminhos diversos. Não se poderá mais dar a última palavra a quem quer que seja. Flexibilidade, robustez intelectual e consistência são palavras de ordem para profissionais de informação. Sem elas, sobrarão apenas profissionais frustrados.

Diante de tantos problemas, diriam-me: “mas então como fazer? Por onde trilhar?”

Começaria por dizer que é preciso olhar para os lados, para trás e adiante. Ensimesmar-se não adiantará em nada. É preciso olhar essa realidade com espírito crítico e de forma criativa, além de profunda flexibilidade. Se o profissional não se dispuser a isso, a obsolescência galopante de tecnologias o alcançará e o jogará em um profundo ostracismo. E vou além: se cursos de formação técnica e profissional não tomarem isso em conta, serão simplesmente tragados.

Estarão longe do que se pode chamar de formação.

No tempo atual sentimos que a leitura parece ser feita sob muitas circunstâncias, para o esquecimento. E não apenas a leitura, mas uma ampla gama de formas de comunicação, dentre as quais a própria fotografia.

Chartier, em sua obra *Inscrever & Apagar*, chama-nos a atenção para esta que parece ser uma tradição que se repete com constância na história da humanidade: de um lado a

compulsão pela fixação por meio da escrita, e de outro a clareza de que muitos desses mesmos textos deveriam desaparecer.

Em suas próprias palavras:

[...] O medo do esquecimento obcecou sociedades europeias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer. A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel forneceram os suportes nos quais poderia ser inscrita a memória dos tempos e dos homens. No espaço aberto da cidade, no refúgio da biblioteca, na magnitude do livro e na humanidade dos objetos mais simples, a escrita teve por missão conjurar contra a fatalidade da perda. [...] Paradoxalmente, seu sucesso poderia criar, talvez, outro perigo: o de uma proliferação textual incontrolável [...] O excesso de escrita, que multiplica textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos, foi considerado um perigo tão grande quanto seu contrário. Portanto, embora temido, o apagamento era necessário, assim como o esquecimento também o é para a memória [...] (CHARTIER, 2007, p. 9).

Conforme dito por Chartier, inscrever e apagar possuíam um sentido de não permitir a proliferação da ausência de significância por meio de textos sem proveito ou importância.

É interessante pensarmos que hoje assistimos a esse mesmo fenômeno.

Não podemos desconsiderar o que temos hoje em potencial tecnológico e o quanto estamos “limitados” quando comparados aos grandes revolucionários do pensamento ocidental. E aqui não precisamos ter em mente toda a história da humanidade. Podemos ficar apenas com a produção intelectual dos séculos XIX e XX.

O mundo contemporâneo tem produzido consumidores de informação, muitas vezes sem crivo ou profundidade. E, quase na exata medida, não conseguimos formar produtores de qualidade. Hoje em dia a urgência informacional e a sede por quantidades desmedidas de registros parecem levar ao fosso da limitação e exteriorização de ideias. Por outro turno, defrontamo-nos cada vez mais com uma nova demanda, a de saber como lidar com tanta informação. Deveremos iniciar um processo que levará outras tantas décadas: saber lidar de forma interdisciplinar e compartilhada com essa grande massa informacional que tem possibilidades de transformar-se em conhecimento e inovação.

Acredito que um dos grandes problemas para a produção e o aprofundamento de ideias, indo além do consumo raso de informações, está ligado a certa tendência à passividade ou comodidade perante o dado.

Frequentemente notamos essa comodidade em forma de divagação diante de uma tela, por exemplo.

Temos formado uma geração passiva na frente de *écrans*, de modo que a maior rapidez conseguida está nas teclas digitadas. Estas, quase sempre, são usadas para redigir simples fonemas ou *emoticons* (série de caracteres tipográficos para exprimir sentimentos e estados de espírito).

O excesso de estímulos faz isso com as pessoas quase sem que elas se apercebam disto: há sempre uma quantidade muito grande de informações, mas que planam sobre uma superfície. São horizontais e quase nunca se aprofundam ou verticalizam. A profundidade em geral é a de uma lâmina.

Hoje em dia percebe-se a proliferação de textos curtos e enxutos, já que o leitor não consegue ficar muito tempo atento se a leitura exigir um número maior de parágrafos e ideias...

Em todo processo de análise criativo e de produção de conhecimento, o *como* é muito importante.

É a partir desse *como* que a problematização se faz. É ela que revela qual o valor do que produzimos.

É inegável que por onde o mundo caminhou não há mais volta.

E, em verdade, não queremos voltar a nada; antes, contudo, queremos resgatar algumas coisas que ficaram lá atrás.

Lia outro dia e pensava exatamente sobre a robotização (vocábulo que vem de uma palavra sérvia que significa escravidão) do mundo.

A tecnologia e todos os seus recursos são fantásticos, mas não podem (ou devem) gerar dependência, nem escravização. O homem é um ser pensante em sua essência e é preciso estimular sua capacidade de interlocução, questionamento, crítica (análise) construtiva e pensamento por conexões.

Infelizmente tem-se delegado às ferramentas tecnológicas esse “labor”.

Como estimular tal trabalho sem ser retrógrado?

Uma das formas é simplesmente pensarmos por nós e “contaminarmos” quem estiver à nossa volta. Instigar, gerar curiosidade e aceitar a recíproca!

Não se trata de provocar criticamente de forma desrespeitosa, mas simplesmente instigar com a intenção de fazer crescer a consciência crítica em nós e nos outros.

Eliana Almeida de Souza Rezende

As vias possíveis, acredito, seriam a busca de um enriquecimento de repertório feito do que gostamos e até do que não gostamos (não podemos analisar e criticar o que não conhecemos!), o abandono de alguns “pré-conceitos” e a abertura para que o outro venha ao nosso encontro com suas ideias e perspectivas.

O dito “conhecimento” parece ser coisa fácil de alcançar: algumas tecladas no Google parecem satisfazer a maioria. Mas volto a dizer: o que temos muito fartamente são informações sem filtros, critérios ou profundidade. Conhecimento é outra coisa! Conhecimento não é informação.

O mundo contemporâneo tem se satisfeito em fazer tábula rasa de quase tudo, em especial no que se refere ao conhecimento.

Conhecimento é alguma coisa que “custa”! Custa empenho, esforço, dedicação pessoal. Em mundo onde o consumo e a pressa se alinham, parece que há certo descompasso em sua busca.

Mas há sempre aqueles que nos fazem crer que ainda vale a pena instigar... e ver “crescer”!

A docência prova-me isso sempre.

Referências

BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é História do Conhecimento?** São Paulo: Editora da UNESP, 2015.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. **Inscrever & Apagar – Cultura escrita e Literatura, séculos XI-XVIII**. Tradução de Luzmara Cursino Ferreira. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora EDIUSP, 1999.

CONWAY, PAUL, **Preservação no universo digital**. 2. ed. Tradução de José Luiz Pedersoli Júnior e Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <<http://arqsp.org.br/wp-content/uploads/2017/07/52.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a História. *In: O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.

DANZIGER, Leila. **O Jornal e o Esquecimento**. IPOTESI - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/17-O-Jornal-e-o-Esquecimento.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

DUQUE, Cláudio Gottschalg (org.). **Ciência da Informação: Estudos e Práticas**. Brasília: Centro Editorial, 2011.

FARGE, Arlete. **O Sabor do Arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: EDUSP, 2009.

FURET, François. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, 1985.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. Memória/História. *In: ENCICLOPÉDIA Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, [1989]. v. 1.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVELL, Jacques. **A Nova História**. Coimbra: Almedina, 1990.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **Histórias: novos problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998.

NORA, Pierre. **Ensaio de ego história**. Lisboa: Edições 70, 1989.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (org.). **Apresentação: O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

REZENDE, Eliana A. de Souza et al. Desafios da contemporaneidade: as tecnologias como política de preservação de patrimônio cultural – documental. **Arquivos do CEOM**, Santa Catarina, v. 25, n. 34, jun. 2011. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/966/536>> . Acesso em: 23 jun. 2016.

REZENDE, Eliana A. de Souza. Em tempos de tintas digitais: escritos e leitores. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE*, 2., 2014, Folianópolis. **Anais [...]** Folianópolis: UDESC, 2014. Disponível em: <<http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/122/62>>. Acesso em: 14 set. 2017.

REZENDE, Eliana A. de Souza. Um Ensaio de Ego-História. **Sustinere: Revista de Saúde e Educação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 144-153, jan.-jun., 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/24636/17693>>. Acesso em: 14 set. 2017.

Eliana Almeida de Souza Rezende

RUBIM, Antônio Albino Caneias. A Contemporaneidade como idade média. **Interface:** comunicação, saúde, educação, Botucatu, SP, v. 4, n. 7, p. 25-36, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832000000200003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14 set. 2017.